

# O USO DOS HINÁRIOS NA EDUCAÇÃO MUSICAL DE MEMBROS DE DUAS IGREJAS EVANGÉLICAS DE MACAPÁ

## Comunicação

*Hermon Santos da Silva*  
Universidade do Estado do Amapá-UEAP  
hermonsantosdasilva741@gmail.com

*Raisa Ribeiro de Souza*  
Universidade Federal do Amapá-UNIFAP  
raisamusic@gmail.com

**Resumo:** Desde a Reforma Protestante em 1517, as igrejas alinhadas a essa corrente de fé vêm adotando o uso dos hinários, como instrumento de ensino de suas doutrinas, a partir do uso da música. Este trabalho tem por escopo apresentar os resultados de uma pesquisa concluída que teve como objetivo compreender como se dá o desenvolvimento da musicalidade dos congregados a partir do uso dos hinários nas igrejas evangélicas de Macapá. Para tal, esta pesquisa se caracteriza como qualitativa e bibliográfica apoiando-se em autores como Maior (1975), Marshall (2017), Joaquim Junior (2018), Pederiva e Gonçalves (2018) e Penna (2018). A coleta de dados foi por entrevista narrativa e a análise de dados se deu por análise de conteúdo, em que se destacam as categorias: Experiência musical social; Experiência musical histórica; Consciência sonora; Criação musical. Os resultados obtidos permitem refletir que os hinários são uma coletânea que, a partir da realidade analisada se dá por educação informal, e promove habilidades musicais além de seu caráter de ensino religioso.

**Palavras-chave:** Hinários. Educação Musical. Desenvolvimento da musicalidade.

## INTRODUÇÃO

A cultura musical dos evangélicos está ligada à sua profissão de fé, que tem no uso de hinários<sup>1</sup> um dos instrumentos para desenvolver sua musicalidade, e remonta à Reforma Protestante em 1517, que se iniciou com o monge agostiniano Martinho Lutero.

---

<sup>1</sup> (...) uma coletânea de músicas com várias partes para serem cantadas pela congregação (Marshall, 2017, p. 129).

Segundo Bentley (2009, p. 37), desde os fundadores do protestantismo, os hinários tradicionais vêm sendo adotados como tangedores do ensino das Escrituras, de adoração a Deus e também como instrumento pedagógico para o ensino da música nas igrejas surgidas a partir da Reforma<sup>2</sup>.

A música seria considerada um elemento importante para fortalecer os pilares do movimento reformista. No início, os hinos eram distribuídos em folhas avulsas, mas, em 1524, foram compilados em um Hinário composto por 35 hinos, sendo 32 alemães e 3 latinos. Através da utilização desse livreto, contendo letra e música, Lutero tinha como objetivo que o povo pudesse aprender os cânticos e participar dos cultos cantando.

Assim o uso dos hinos engloba todas as pessoas, sem distinção, não se leva em consideração se possuem conhecimentos musicais formais, pois, no momento da entoação dos louvores, não somente os membros da denominação cantam, mas todos os que querem fazer parte deste momento litúrgico da celebração religiosa.

Dito isto, Souza e Cordeiro (2023), apontam que a educação se dá por meio de processos, sejam eles: formais, não formais e informais e, destacam teóricos como Araújo (2020) e Libâneo (2010), que afirmam que a educação formal é aquela estruturada e regida por leis, criadas pelo Estado para nortear os parâmetros que a educação deverá seguir.

Já Araújo (2020), informa que a educação não formal e informal se dá em âmbito de espaços ditos informais na qual é possível adquirir habilidades sociais. Contudo, a aquisição dessas habilidades não é o que se tem de mais importante, ou seja, não constitui um fim em si mesma.

Partindo-se da premissa de que o ensino de música no interior de denominações evangélicas, tradicional ou pentecostal, se dá pelo uso de hinários, este artigo busca compreender como se dá o desenvolvimento da musicalidade dos congregados a partir do uso dos hinários em igrejas evangélicas de Macapá.

---

<sup>2</sup>De acordo com Damiano (2003, p. 434) “a Reforma Protestante que ocorreu no século XVI na Europa, foi a divisão mais importante que aconteceu no cristianismo ocidental. (...) A Reforma começou quando o monge agostiniano Martinho Lutero (1483-1546) postou suas 95 Teses à entrada da catedral em 1517, atacando as indulgências e a autoridade papal.”

## **METODOLOGIA**

Considerando a temática em questão, a pesquisa qualitativa permite compreender melhor as particularidades que permeiam as associações a serem estudadas. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p. 31-32) que afirmam que “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização. ”

Esta pesquisa se caracteriza como (auto)biográfica, no campo da educação musical brasileira que, segundo Abreu (2024) vem se desenvolvendo nas últimas duas décadas, permitindo diálogos com os campos de investigação, dentre os quais se destacam autobiografias musicais (Torres, 2003); narrativas com música (Braga, 2018); narrativas sobre a experiência musical (Maffioletti e Abraão, 2016); narrativas musicais (Araújo, 2017).

Logo, a partir de narrativas sobre a experiência musical, busca-se compreender como a musicalidade é desenvolvida a partir dos hinários. A coleta de dados se realizou a partir de entrevistas não-estruturadas, em que entre os critérios para a seleção dos colaboradores se deu: ser maior de dezoito anos, ser membro institucional de uma igreja tradicional ou pentecostal, e ter no mínimo um ano de participação na referida igreja e/ou religião.

Desta maneira três colaboradores participaram da pesquisa sendo duas mulheres e um homem que exerce atividades como músico profissional. Todos residentes da área urbana, sendo um componente da Igreja Batista que se localiza na zona norte da capital, mas, em uma área considerada periférica e dois membros da Igreja Assembleia de Deus – A Pioneira, com sede administrativa na região central de Macapá.

Após a coleta, o tratamento dos dados se deu a partir da análise conteúdo, de acordo com o que preconiza Bardin (2016, p.118-119), composta de quatro etapas: organização da análise, codificação, categorização e inferência.

## **O CONTEXTO DA CHEGADA DA MÚSICA SACRA EVANGÉLICA NO BRASIL**

As Grandes Navegações foi um dos eventos impulsionadores da inserção, tanto do catolicismo como do protestantismo, nos novos territórios alcançados pelos colonizadores europeus.

Em 1500, com a chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, vieram os primeiros padres para ensinar a fé católica, que se tornou a religião oficial na recente colônia de Portugal (Poubel, 2018, n.p.).

Com a vinda da família real para o Brasil, o protestantismo foi aceito como prática religiosa, pois estava assegurado pelos tratados de comércio e navegação firmados com a Inglaterra, no entanto, este era somente garantido aos súditos ingleses residentes no Brasil que agora exerceriam sua liberdade de culto (Braga, 1961).

Conforme Braga (1961), o marco da presença protestante no Brasil se deu com a realização do primeiro culto evangélico no dia 10 de março 1557, na Ilha de *Villegainon*, no Rio de Janeiro, sob a direção do Pastor Pedro Richier.

Consoante explica Braga (1961), os primórdios das manifestações musicais de cunho evangélico em terras brasileiras, deram-se primeiramente na língua de origem dos fiéis estrangeiros que passaram a residir no Brasil, seja de forma permanente ou temporária.

No século XIX, segundo informa Braga (1961, p.105), diversas denominações protestantes enviaram missionários ao Brasil, visando dar início a uma evangelização de cunho permanente. Nesse momento, instalam-se em solo brasileiro a Igreja Congregacional (1858), Igreja Presbiteriana (1862), Igreja Metodista (1871), Igreja Batista (1882), Igreja Episcopal (1890) e outras denominações protestantes filiadas às diversas correntes provenientes da Reforma Protestante.

Em 10 de maio de 1855 (Braga, 1961), na cidade de Petrópolis, foi criada a Escola Dominical, que originou a Igreja Congregacional, ganhando notoriedade por ser o primeiro trabalho evangélico genuinamente nacional, cujo fundador foi Roberto Reid Kalley e sua esposa Sara Poulton Kalley, que também foram responsáveis pela organização do primeiro hinário evangélico brasileiro, denominado *Salmos e Hinos*.

Como se verifica, a importância e influência dos hinários no meio cristão protestante foi decisiva para seu crescimento. A leitura e o canto das Escrituras Sagradas se mostraram um grande diferencial, pois até quem não era letrado tinha possibilidade de aprender os ensinamentos da Bíblia entoando os cânticos que foram traduzidos de outros idiomas ou ainda que foram escritos por um sem-número de autores, alguns conhecidos, outros desconhecidos,

mas que prestaram um relevante serviço às igrejas da reforma que se estabeleceram no Brasil.

Para Joaquim Junior (2018), com o passar dos anos, as produções de hinários foram bastante significativas por parte das igrejas evangélicas tradicionais, destacando-se: a Igreja Presbiteriana do Brasil, que publicou em 1977 a primeira versão oficial de seu hinário, chamado de *Novo Cântico*; a Igreja Evangélica de Confissão Luterana, por sua vez, publicou em 1981 os *Hinos do Povo de Deus*; a Igreja Evangélica Luterana do Brasil lançou, em 1986, o *Hinário Luterano*.

No Amapá, segundo Rodrigues (2023), a primeira igreja protestante fundada em Macapá é a Assembleia de Deus- A Pioneira, que se deu em junho de 1917, pelo evangelista José Matos que deu continuidade aos esforços de Clímaco Bueno Aza que chegou em 1916 para anunciar esta religião, mas que fora perseguido por outros religiosos na época.

Em 1952 chegam os batistas que também iniciam trabalhos evangelísticos e inauguram seu templo no ano de 1955 pelo missionário Kyller Robert Lawrence (Araújo, 2013, p. 7). Os adventistas e presbiterianos iniciam suas atividades eclesásticas em 1968.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No processo de pesquisa que investigou o entrelaçamento entre os hinários e o desenvolvimento da musicalidade, considerada nesta pesquisa como “toda a possibilidade que os seres humanos possuem para expressar, explorar e organizar sons produzidos através do próprio corpo ou pela manipulação sonora de objetos” (Gonçalves, 2017, p. 51) a descrição dos dados foi dividida em categorias, identificando-se as seguintes possibilidades: 1) Experiência musical social; 2) Experiência musical histórica; 3) Consciência sonora; 4) Criação musical.

### Experiência musical social

Pederiva e Gonçalves (2018), ao refletir práticas pedagógicas na Educação Musical, sobre o aspecto da Teoria Histórico-Cultural de Vigotski, em que há o foco no desenvolvimento da musicalidade, destacam que a experiência musical social é considerada um princípio, em que são englobadas as experiências cotidianas, que perpassam as relações

humanas sociais compartilhadas, no qual as trocas colaborativas permitem o desenvolvimento musical por meio da compreensão dos materiais sonoros, configurações rítmicas, em seu sentido estético, emocional.

Dito isto, as falas das entrevistas transcritas revelam o seguinte sobre essa possibilidade:

eu sou cristão a uns vinte e alguns anos, não lembro exatamente a data da conversão, mas, mais de vinte anos, atualmente eu congrego numa igreja que a gente considera tradicional, né? Assembleia de Deus, que faz parte da história do Amapá, que traz essas características ainda, um pouco do que chegou na cidade, a minha relação com os hinários é pra mim, que desde a minha infância eu não tinha essa referência deste tipo de música ao chegar na igreja, foi assim: primeiro tem um impacto de você chegar numa igreja sempre tem as mesmas canções diferente do que você ouvia na rádio, é..., músicas do que tocavam na época, então você acaba conhecendo músicas diferentes, né? Daquilo que se tem no teu cotidiano, e aí até eu entender que fazia parte da liturgia da igreja que existiam as músicas que começavam, tinha ali a quantidade e, às vezes, durante o próprio desenvolvimento do culto, alguém se utilizava do hino do hinário pra executar, como uma forma de oportunidade (Entrevistado A).

são hinos inspirados, que nos trazem conforto, alegria, renovação (Entrevistado B).

Acho que os irmãos cantam essas músicas novas, mas eu acho que nós, como batistas, nós deveríamos priorizar nossos hinos. Cada hino lindo, maravilhoso (Entrevistado C).

As entrevistas revelam como os cânticos dos hinários são partilhados dentro de um ambiente social e cultural, em que os participantes, sejam crianças ou adultos, compreendem sua funcionalidade no âmbito da liturgia e seu sentido emocional diante do material sonoro executado, como na afirmação do entrevistado B de que os hinos são alegres, e lhe traz conforto e outros sentimentos que se correlacionam a ele.

Maura Penna (2018), sobre a música como linguagem socialmente construída, destaca que a musicalização, neste processo:

Ser sensível à música não é uma questão mística ou de empatia, não se refere a uma sensibilidade dada nem as razões de vontade individual ou de dom inato. Trata-se, na verdade, de uma sensibilidade adquirida, construída no processo muitas vezes não

consciente, em que as potencialidades de cada indivíduo, sua capacidade de discriminação auditiva, suas emotividades, entre outros, estão sendo trabalhadas e preparadas de modo a reagir ao estímulo musical (Penna, 2018, p.29).

Dos relatos colhidos junto aos entrevistados/as, tem-se uma experiência de vivência no cotidiano musical em que a pessoa estava envolvida, marcando a vida dos entrevistados a partir de uma experiência adquirida. Tal experimento produziu nos mesmos uma sensibilidade, construída pelos hinos que consideram inspirados, maravilhosos, lindos. Esses adjetivos retratados com fundamento na vivência social de cada colaborador/a, que esboça uma reação diferente ao estímulo musical produzido nele, enquanto indivíduo.

### **Experiência musical histórica**

Este campo compreende que a música é atemporal. Para Pederiva e Gonçalves (2018), podemos nos envolver emocionalmente com músicas de diversas épocas e das diferentes sociedades, em termos de apreciação, percepção, expressão e criação, em sua estrutura rítmica, tímbrica, melódica.

Para os autores, a experiência musical pode ser vivida historicamente, por meio de gravações, de telecomunicações, mídias sociais, experiências intergeracionais, etc. A partir desta possibilidade verifica-se:

Para aquelas igrejas tradicionais, é só dar o número: número tal, a pessoa procura no seu hinário e canta junto, isso faz com que inclusive a igreja tenha essa questão de cantar junto, de aprender, isso é um facilitador, inclusive como instrumento de educação musical né, você, você acaba ensinando as pessoas, eu, eu tive várias experiências de pessoas que não, não sabiam cantar nada, aí de tanto aquela prática de cantar, a pessoa chegou a um ponto que ela consegue desenvolver a partir dela mesma. Ah! Eu aprendi o hino tal, e vai cantar, aí você vê que a pessoa melhorou musicalmente falando (Entrevistado A).

E é isso, os louvores da harpa é isso, e são os que mais eu gosto. Ele comprou essa Alexa pra mim lá em Santa Catarina, quando nós fomos, né, aí eu, conversei com ela. Alexa, põe tal hino aí para tocar (Entrevistado B).

Eu ligo, boto os hinos aqui pela internet, que as meninas com esse negócio aí, que eu não entendo muito, botam. A gente escuta quase todo dia aqui em casa (Entrevistado C).

Maura Penna (2005), ao considerar o acesso social à música, arte e cultura, destaca que a música, em sua concretude, só se dá em se considerando as manifestações da cultura distinta, que espelham, não mecanicamente, a forma de organização de um povo e sua maneira de conceber o mundo. Partindo desse princípio, o indivíduo acaba por ocultar da sua forma de pensar a realidade que a música, em favor da qual milita, é tida como modelo e que, portanto, torna-se valor dentro de um contexto histórico e também social. Dessa forma, quando se usa da musicalização em nome de uma música padrão, decerto se está reproduzindo impositivamente determinado padrão cultural.

Como se depreende dos textos acima, relativos à temática, tanto na fala dos entrevistados/as quanto no referencial teórico, verifica-se que há uma harmonia entre eles, pois, os hinários cristãos, que surgiram com a reforma, foram ganhando espaço nos mais diversos círculos protestantes. Estes hinos estão enraizados, por meio de uma cultura cristã que o tempo não conseguiu apagar, como se verifica, por exemplo, na fala do entrevistado A “para aquelas igrejas tradicionais, é só dar o número: número tal, a pessoa procura no seu hinário e canta junto”.

Observa-se que esse comportamento vem perpassando gerações e continua sendo vivenciado até a atualidade, em que a expressão musical que se tornou um padrão nos meios evangélicos tradicionais – a utilização de hinários para entoar seus cânticos. Outro ponto de destaque, também, é que a tecnologia existente na atualidade vem sendo utilizada por membros de igrejas tradicionais para reproduzir seus hinos. A entrevistada B retrata bem isso em suas palavras: “os louvores da harpa [...] são os que mais eu gosto. Ele comprou essa Alexa pra mim”, bem como a Entrevistada C: “eu ligo, boto os hinos aqui pela internet”. Esses elementos culturais, calcados nas concepções musicais que se desenvolveram ao longo dos séculos, mesmo com as inovações tecnológicas se mantêm inalterados.

## Consciência sonora

Pederiva e Gonçalves (2018) afirmam que a consciência sonora é um meio para conduzir o processo de desenvolvimento da musicalidade humana, que pode ser através da



escuta atenta ou voluntária, memória musical, imaginação musical, pensamento musical, etc. Neste processo, todo o corpo é afetado pelo som, “e vamos alargando o repertório de sonoridades de cada contexto, com suas peculiaridades tímbricas específicas, criando consciência sobre eles” (Pederiva e Gonçalves, 2018, p.324); Como se pode verificar:

começa outra fase, que a maioria dos músicos passa, que é quando você começa a...eu não vou dizer improvisar, mas, quando você começa a trocar aquilo que você tem como referência. Você conhece aquela música naquele certo ritmo ou melodia, dentro daquelas possibilidades, e você cria suas possibilidades. Então, de repente, aquela música que você conheceu naquele ritmo pode aplicar nele o ritmo do forró, o ritmo de samba, isso vai aumentando a sua possibilidade e, conforme o músico vai [...] isso aconteceu comigo, conforme eu ia entendendo musicalmente as estruturas das músicas, harmonia, melodia... um lugar que eu sabia que eu poderia aplicar isso era principalmente nos hinários, porque eu já conhecia toda a melodia, sabia pra onde ela ia, e eu aplicava isso que eu conhecia, seja de alguém ou da própria escola de música, eu aplicava isso naquele momento (Entrevistado A).

E até hoje a gente gosta muito de louvar. E a mesma coisa. Comigo né, a leitura, os hinos, os louvores da harpa me ajudaram a fortalecer a minha aprendizagem (Entrevistado B).

Eu canto, eu ligo, boto os hinos aqui pela internet (...) (Entrevistado C).

Uma das condições para que as pessoas consigam ter um aprendizado de determinada obra, atribuindo-lhe significado, é que ela tenha uma boa interação dos meios de percepção, ou seja, parâmetros internalizados, edificados a partir de sua vivência, que possam ser válidos como modelos de entendimento. Desta forma, a sua capacidade de produzir arte está ligada, de maneira direta, à complexidade desse domínio e ao grau de refino do modelo interpretativo.

Sobre essa aquisição, Cárdenas-Soler et al (2017) discorrem que a educação musical, onde quer que seja, serve de subsídio para a integralidade no desenvolvimento do indivíduo, facilitando sua aproximação com o meio onde vive. Desta maneira, “A educação deve ser vista como um processo global, progressivo e permanente [...]” (Ongaro et al., 2006, p. 1), porque a música, sendo ensinada com maestria “[...] é a impulsionadora do raciocínio e torna a pessoa mais criativa, propiciando também o desenvolvimento de outras aptidões” (Ongaro et al., 2006, p. 2).

A música, de acordo com os entrevistados/as, lhes foi favorável em muitos momentos: o entrevistado A revelou que, depois dos primeiros passos no aprendizado de música, passou a improvisar, ou seja, outras habilidades ganharam destaque a partir de uma experiência inicial que foi levada adiante e fez com que as canções passassem a ser sonorizadas com mais virtuosidade. As entrevistadas B e C que, por sua vez, revelaram que sentem prazer em louvar, também começaram cantando canções simples nos hinários, mas devido à prática, que se traduz em sonoridade, adquiriram o gosto pelo canto, que passou a fazer parte de seus cotidianos.

## Criação musical

Segundo Pederiva e Gonçalves (2018), a musicalidade também pode ser ensinada a partir da criação musical, em que o produto final não consiste em formar futuros músicos ou supostos virtuosos, mas de permitir a liberdade, que não se limita apenas à imitação e reprodução de técnicas por si mesmas. Neste processo se considera:

E a partir daí, já abre um outro mundo que é o da composição, de você já pegar aquela música e adaptar ela para um novo, não vou dizer assim, novo patamar, mas você tem uma leitura diferente, você inclusive altera a rítmica, você altera até mesmo melodicamente, fazendo adaptações, mas a base você já tem. Isso vai se repetindo porque, conforme você vai chegando na igreja, aí você tem questão de que algumas pessoas aprendem as músicas com uma melodia um pouco diferente. Elas vão aprendendo às vezes numa tonalidade menor, que você não tem (não conhece), aí você vai desenvolver no músico essa perspicácia, né? (Entrevistado A).

E ela me contou que ela aprendeu melhor a ler com a harpa, né? Na harpa, cantando. E por isso que eu, conversando com a mamãe, uso muito a música. Eu sou professora de alfabetização então, eu uso muita música no meu trabalho também, porque a partir do momento que tu vais cantando, né? Uma musiquinha que tem a ver com as vogais, com o alfabeto, tem várias e as crianças, elas aprendem rápido. E aí, eu disse pra mamãe, por isso que a senhora aprendeu rápido a ler. Ela aprendeu a ler, pra ela não foi na escola, foi assim: cantando na harpa. E alguém ajudava um pouco aqui, um pouquinho ali, outro ali, quando ela tinha dificuldade. E até hoje a gente gosta muito de louvar. E a mesma coisa aconteceu comigo, né, a leitura, os hinos, os louvores da harpa me ajudaram a fortalecer a minha aprendizagem (Entrevistado B).

Eu canto, eu ligo, boto os hinos aqui pela internet, [...] a gente escuta quase todo dia aqui em casa e vai aprendendo as letras (Entrevistado C).

Segundo Green (2002), isso pode ocorrer quando indivíduos: (a) separam as canções que almejam estudar, de forma geral, provenientes do meio familiar; (b) promovem um escutar bem apurado e proposital para ter um aprendizado de canções, por meio de um procedimento de repetição e reprodução; (c) assimilam em coletividade que tenham pontos em comum entre si e traços semelhantes, desprovidos de um docente que exerça a orientação do ensino; (d) assimilam de maneira casual e individual, sendo recorrente a externalização de satisfação; (e) juntam o trabalho de escutar, executar o instrumento, fazer composição e cunhar o improviso.

Como ficou claro na fala do colaborador A, a composição e até a interpretação musical de determinado louvor de forma mais trabalhada, é fruto de uma criação musical que foi construída ao longo dos anos de prática, iniciando-se com o estudo dos hinários.

A colaboradora B, por sua vez, relatou a experiência de sua mãe que, por meio das canções contidas na harpa cristã, alcançou melhor desempenho na leitura. E também discorreu sobre sua própria experiência, em que sempre usa músicas para auxiliar na alfabetização de seus alunos, o que aponta para a importância da música no sentido de estimular que outras habilidades e capacidades humanas venham a ser desenvolvidas, ou ainda estimuladas através da música.

Já a entrevistada C, tem conseguido aprender ao ouvir os hinos através da escuta ativa através da reprodução e repetição.

Diante de tais narrativas, é possível compreender o processo que explana Cárdenas-Soler (2017), em que a música é uma linguagem simbólica que permite a comunicação humana através da mensagem que traz e da interação que promove entre os sujeitos. Dessa forma, a música propicia o aprendizado significativo e o desenvolvimento de novas habilidades, incluindo a criação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em questão demonstrou que nos círculos sociais, sejam eles de qualquer magnitude, os seres humanos desenvolvem práticas que lhes são bem peculiares, como se dá

nas igrejas evangélicas tradicionais que adotaram os hinários como parte da liturgia de seus cultos. O uso de hinários como Cantor Cristão e Harpa Cristã, utilizados nas igrejas Batista e Assembleia de Deus, respectivamente, teve também influência marcante na vida das pessoas que deles se apropriam, em alguns casos para além de somente aprender a cantar, mas contribuíram para desenvolverem outras habilidades, que não se sabe se alcançariam de outra forma, dado o contexto em que estavam inseridas.

Não se pode olvidar que uma gama de fatores vem se avolumando para que esta vivência no cotidiano dos cristãos membros destas igrejas seja arrefecida, extinguindo o uso dos hinários, mas parece estar longe disso, pois as tecnologias fazem com que essa cultura, trazida ainda no século da Reforma, seja ainda propagada com mais pujança, produzindo relevantes resultados na área musical e até não musical.

Tais dados permitem refletir que os hinários são uma coletânea que, a partir da educação informal, promove habilidades musicais além de seu caráter de ensino religioso, uma vez que as práticas realizadas em grupo estimulam o desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo, contribuindo na formação da personalidade humana.

Espera-se que a presente pesquisa contribua para a visibilidade do tema, no âmbito acadêmico e social e enseje novos estudos nessa seara.

## Referências

ABREU, Delmary Vasconcelos de. História de vida com as autobiografias musicais: contribuições de Maria Cecília Torres para o campo da educação musical. *Revista da Abem*, [s. l.], v. 32, n. 1, e32102, 2024.

AQUINO, Rubim Santos Leão. [et al]. *História das Sociedades*: das sociedades modernas às sociedades atuais. 26. ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1993, 424 p.

ARAÚJO, Corina. *História dos batistas no Amapá*. Amapá: Editora PIB de Macapá, 2013.

ARAÚJO, Gustavo Aguiar Malafaia. *Construindo sentidos na educação musical*: pesquisa-formação-ação com estudantes da primeira turma de ensino médio integrado do IFB-CESAM. 2017. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

BENTLEY, Irene. **A música sacra em duas igrejas evangélicas do DF**. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade de Brasília. Brasília – DF: UNB, 2009. 146 p. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/33535218.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. 3.reimp. da 1. ed de 2016. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRAGA, Eudes de Carvalho.; ABREU, Delmary Vasconcelos de. Paulo André Tavares: narrativas com música de um professor de violão popular. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. **Destacados educadores brasileiros: suas histórias, nossa história**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018.

BRAGA, Henriqueta Rosa Fernandes. **Música Sacra Evangélica no Brasil (Contribuição à sua História)**. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora, 1961.

DAMIÃO, Valdemir. **História das Religiões: Sua influência na formação da humanidade**. 2ª Edição – Rio de Janeiro: CPAD, 2003. 476p.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. (org.). **Métodos de Pesquisa**. 1ª Edição; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GONÇALVES, Augusto Charan Alves Barbosa. **Educação musical na perspectiva histórico-cultural de Vigotski: a unidade educação-música**. 277 f., il. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília: UNB, 2017.

GREEN, Lucy. **How popular musicians learn: a wayahead for music education**. London: Ashgate, 2002.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8.ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MAFFIOLETTI, Leda de Albuquerque. ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Significações acerca de si mesmo por meio de narrativas sobre a experiência musical. **Currículo sem Fronteiras**, v. 16, n. 1, p. 42- 58, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss1articles/maffioletti-abrahaio.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2024.

MAIOR, Armando Souto. **História Geral**. 15ª Edição – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975, 476p.

MARSHALL, Peter. **Reforma Protestante: uma breve introdução**. Tradução: Denise Bottmam. 1ª ed. – Porto Alegre, RS: L & PM, 2017, 192 p.

ONGARO, Carina. de Faveri.; SILVA, Cristiane de Souza.; RICCI, Sandra Mara. A importância da música na aprendizagem. **UNIMEO/CTESOP**. p. 2-4, 2006. Disponível em:

<http://www.meloteca.com/musicoterapia2014/a-importancia-da-musica-na-aprendizagem.pdf>.

Acesso em: 18 jan. 2024.

PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. GONÇALVES, Augusto Charan Alves Barbosa. Educação musical na perspectiva histórico-cultural: uma didática para o desenvolvimento da musicalidade. **Obutchénie – Revista de Didática e Psicologia Pedagógica**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 314–338, 2018. DOI: 10.14393/OBv2n2a2018-2. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/Obutchenie/article/view/46484>> Acesso em: 5 mar. 2024.

PENNA, Maura. Poéticas musicais e práticas sociais: reflexões sobre a educação musical diante da diversidade. **Revista da Abem**, Porto Alegre, v. 13, 7-16, set. 2005.

PENNA, Maura. **Música(s) e seu ensino**. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Sulina, 2018. 247p.

POUBEL, Mayra. **Primeira Missa no Brasil**. História: Brasil-Colônia. Palhoça -SC: Infoescola, 2018. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/primeira-missa-no-brasil>> Acesso em: 21 fev. 2024.

RODRIGUES, Besalviel. **Assembleia de Deus do Amapá pode mudar de data de fundação**. Disponível em: <<https://agazetadoamapa.com.br/assembleia-de-deus-do-amapa-pode-mudar-de-data-de-fundacao>> Acesso em: outubro de 2024.

SOUZA, Raisa. CORDEIRO, Albert. “Campos do Laguinho”: apontamentos sobre o carnaval amapaense e a formação docente. **XXVI Congresso Nacional da ABEM**. Ouro Preto – MG: Abem, 2023.

TORRES, Maria Cecíliade Araújo. Rodrigues. **Identidades Musicais de alunas de pedagogia: músicas, memória e mídia**. 176p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2003.